

**A SOCIEDADE, O PODER, O
OUTRO E O RACISMO:
APONTAMENTOS PRELIMINARES
SOBRE O RACISMO NO
PENSAMENTO DE BYUNG-CHUL HAN**

*SOCIETY, POWER, THE OTHER
AND RACISM: PRELIMINARY NOTES
ON RACISM IN THE THOUGHTS OF
BYUNG-CHUL HAN*

Gladson Cunha

Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Licenciado em Filosofia pela Universidade de Franca (UNIFRAN). Mestre em Ciências da Religião e graduado em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Coordenador e professor da graduação em Teologia da Faculdade Brasileira Cristã (FBC), Serra/ES. E-mail: gladsoncunha@gmail.com

Dedico este trabalho para João Baptista Borges Pereira, pioneiro dos estudos das questões raciais no Brasil, por quem tive a honra de ser orientado no início da minha caminhada. Por tudo, obrigado!

Resumo: O presente trabalho preliminarmente aborda a problemática do racismo na sociedade contemporânea, relacionando-a à filosofia de Byung-Chul Han. O autor observa que o racismo persiste como um problema atual e busca investigar como a filosofia contemporânea, especialmente a obra de Han, aborda essa questão. Han não aborda diretamente o tema do racismo em sua obra, mas o trabalho preliminar considera que o racismo é um elemento subjacente e agravado na contemporaneidade, mesmo que não esteja explicitamente exposto na obra de Han. Portanto, é necessária uma leitura atenta e contraposta que forneça pistas para compreender o entendimento de Han sobre o tema. Nesse contexto, o racismo pode sobreviver na sociedade do desempenho, pois é uma realidade discriminatória e segregacionista. Aqueles que não se encaixam no contexto da ação produtiva são excluídos e marginalizados. Han argumenta que essa sociedade é excludente e cria divisões sociais, aniquilando a negatividade do outro e produzindo reações e lutas por parte das minorias excluídas. Em suma, a síntese do trecho aponta que o racismo persiste como um problema na sociedade contemporânea, e a obra de Han fornece pistas para compreender como o poder psicopolítico atua nesse contexto, influenciando as disposições dos sujeitos e gerando exclusão e violência.

Palavras-chave: Racismo. Sociedade Contemporânea. Sociedade do Desempenho. Byung-Chul Han. Alteridade.

Abstract: The present text preliminarily addresses the issue of racism in contemporary society, relating it to Byung-Chul Han's philosophy. The author notes that racism persists as a current problem and seeks to investigate how contemporary philosophy, especially Han's work, addresses this issue. Han does not directly address the theme of racism in his work, but the preliminary work considers that racism is an underlying and aggravated element in contemporary times, even if it is not explicitly exposed in Han's work. Therefore, a careful and opposed reading is necessary to provide clues to understand Han's understanding of the subject. In this context, racism can survive in the Performance Society, as it is a discriminatory and segregationist reality. Those who do not fit into the context of productive action are excluded and marginalized. Han argues that this society is exclusive and creates social divisions, annihilating the negativity of others and producing reactions and struggles on the part of excluded minorities. In short, the summary of the passage points out that racism persists as a problem in contemporary society, and Han's work provides clues to understanding how

psychopolitical power operates in this context, influencing the dispositions of subjects and generating exclusion and violence.

Keywords: Contemporary Society. Racism. Byung-Chul Han. Performance. Alterity.

INTRODUÇÃO

As mudanças de época trazem consigo certas transformações socioculturais para melhor, mas, por outro lado, também ressignificam e cristalizam certos elementos presentes nas estruturas da sociedade humana, para pior. Um desses elementos que tendem ao pior e a sua perpetuação é o racismo.

O racismo tem perpassado as mudanças de épocas e está relacionado ao modo como um indivíduo ou grupo estabelece certas qualidades psíquicas e físicas de um outro grupo distinto, qualidades estas que conseqüentemente determinarão as relações de um com o outro¹. Essa definição de Emilio Willems, antigo professor da USP e da Vanderbilt University, muito além de estabelecer os critérios – características psíquicas que se manifestam no sujeito de determinado grupo – sob os quais se estabelece o racismo, apontam para o modo final de como o racismo se processa nas relações sociais.

Ampliando essa antiga definição de Willems, Silvio Almeida oferece alguns contornos mais atualizados do que vem a ser o racismo, quando ele afirma que

o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam².

Verifica-se, que não apenas o problema persiste de Willems até Almeida, como também o problema tem ganhado maiores dimensões. Tanto Almeida como Willems apontam para a manifestação conseqüente a partir do estabelecimento de critérios negativos imputados a determinado grupo étnico, ligado ao comportamento cultural ou quaisquer outros traços que tornam, aos olhos do discriminador, este grupo

¹ WILLEMS, Emilio. *Dicionário de Sociologia*. Porto Alegre: Globo, 1950. p. 125-126.

² ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. [Edição Kindle]. p. 26.

determinado e seus indivíduos em inferiores³. Porém, Silvio Almeida, aponta possíveis desvantagens, que se configuram a partir da inferiorização de certos grupos étnico-raciais. Logo, é possível considerar, como palavras-centrais nessas definições, os seguintes termos: sociedade, sujeito, raça, discriminação e exclusão.

É a partir da observação de que o racismo continua sendo um problema atual, que surge o questionamento pessoal sobre como a filosofia contemporânea tem percebido esse problema. Para dar conta desse questionamento, este trabalho investigará, ainda que não exaustivamente, a produção filosófica do sul-coreano radicado alemão Byung-Chul Han, um dos filósofos mais badalados nos últimos dez anos.

Entretanto, é necessário esclarecer que Han não se detém diretamente com esse tema. Sua análise da sociedade contemporânea é muito ampla. Contudo, como o racismo é uma atitude e prática que tem se perpetuado na sociedade, mesmo após algumas mudanças de época, este trabalho preliminar considerará que racismo é um dado subjacente, presente e de alguma maneira agravado na contemporaneidade e demonstrado na crítica cultural de Byung-Chul Han. Porém, como dito acima, o racismo não está claramente exposto e designado como tal na obra haniana, exigindo, portanto, uma leitura benjaminiana desse material, isto é, uma leitura à contrapelo⁴, que fornecerá pistas para um entendimento haniano do tema.

A SOCIEDADE DO DESEMPENHO: UM CONTEXTO

O âmbito em que todas as relações humanas têm lugar é a sociedade. No devir histórico das diversas sociedades humanas, os modos das relações sociais sofreram e sofrem variações por meio de diferentes fatores. Um desses fatores, sem dúvidas, está ligado aos modos de produção.

A sociedade contemporânea tem sido denominada por Byung-Chul Han como a sociedade do desempenho⁵. Essa nova configuração social de Han é caracterizada

³ Cf. POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade, seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 102.

⁴ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. *In: Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1. p. 225.

⁵ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 62.

por ele como uma “sociedade trabalhista e de informação pós-moderna”⁶, que se caracteriza por “uma crescente carga de trabalho [que] torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção”⁷. Esse modo de produção pós-industrial de trabalho, tipificado por Han como *multitasking*⁸ (multitarefa), está relacionado com as diversas demandas assumidas pelo sujeito-trabalhador, que, segundo o próprio autor, seria uma autoimposição de uma lógica do poder, em que o trabalhador, como sujeito do desempenho, exerce sobre e contra si mesmo uma autorregulação, que ambiciona o ganho e o acúmulo de algum tipo de capital. Assim,

a sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre. Elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor⁹.

O modelo de sociedade proposto por Han pode ser considerado como uma espécie de superação da sociedade disciplinar e biopolítica descrita por Michel Foucault¹⁰. Nesta, os indivíduos eram coagidos pelos detentores e agente do poder por meio de um processo disciplinador, cuja função era a “fixação dos indivíduos no aparelho de produção, para a constituição das forças produtivas, e [que] caracteriza a sociedade que pode ser chamada disciplinar”¹¹.

No entanto, como o próprio Han deixa claro, “a analítica do poder de Foucault não pode descrever as modificações psíquicas e topológicas que se realizaram com a mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho”¹². Diferente da biopolítica da sociedade disciplinar, a do desempenho não age pautada no exercício coercitivo do poder, que opera na lógica do dever¹³. Antes, ela opera sob a lógica do poder ilimitado, cujo verbo modal positivo desta sociedade não poderia ser

⁶ HAN, 2021, p. 31.

⁷ HAN, 2021, p. 31.

⁸ HAN, 2021, p. 31.

⁹ HAN, 2021, p. 46-47.

¹⁰ HAN, 2021, p. 23.

¹¹ FOUCAULT, Michel. *A Sociedade Punitiva*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016. p. 180.

¹² HAN, 2021, p. 23.

¹³ HAN, 2021, p. 23.

outro senão o verbo poder¹⁴. No entanto, essa disposição é inserida a partir do exercício inteligente do poder que, plasmado à psique individual e ao inconsciente social¹⁵, é capaz de seduzi-las¹⁶.

Deste modo, a sociedade contemporânea é, de acordo com Byung-Chul Han, uma sociedade psicopolítica, isto é, uma sociedade em que o ajustamento dos sujeitos que nela estão inseridos acontece não por meio de processos disciplinares, mas por meio da influência sobre as disposições neuronais e psíquicas desse sujeito, as quais funcionarão como motivadoras de suas ações, emoções e sentimentos, como considerou Han:

As emoções positivas são o fermento para o aumento da motivação. As emoções são performativas no sentido de que evocam certas ações: como tendência, representam a base energética ou mesmo sensível da ação. [...] A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo. Através da emoção, as pessoas são profundamente atingidas. Assim, ela representa um meio muito eficiente de controle psicopolítico do indivíduo¹⁷.

Mesmo que, em algum sentido, a sociedade do desempenho seja uma forma de superação da sociedade disciplinar foucaultiana, há que se considerar que, em algum grau, também seja um tipo de continuidade. Neste sentido, a apropriação de Foucault é uma referência interessante e necessária para a tarefa proposta por este trabalho. Em certa passagem, Foucault considerou que o racismo, em um determinado momento histórico, se tornou um modo de exercício do poder nos Estados modernos, da sociedade punitiva¹⁸. Escreveu Foucault:

O racismo se inseriu como mecanismo fundamental do poder, tal como se exerce nos Estados modernos, e que faz com que quase não haja funcionamento moderno do Estado que, em certo momento, em certo limite e em certas condições, não passe pelo racismo¹⁹.

Se o racismo esteve inserido na sociedade disciplinar, fragmentando e fazendo uma cesura no tecido social, a fim de fazer aplicar o biopoder, isto é,

¹⁴ HAN, 2021, p. 24.

¹⁵ Cf. HAN, 2021, p. 25.

¹⁶ HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*. Belo Horizonte: Âyine, 2018. p. 27.

¹⁷ HAN, 2018, p. 68.

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 304.

¹⁹ FOUCAULT, 2005, p. 304.

indicando que vive e quem morre²⁰; então, seria possível afirmar que pode haver algum tipo de continuidade dessa função racista e do racismo, enquanto mecanismo, na sociedade do desempenho haniana? Se sim, como o racismo e seu modus operandi se manifestariam nesta sociedade?

Uma resposta inicial e provisória é que sim, o racismo tem condições de sobreviver nessa nova sociedade, porquanto, trata-se de uma realidade altamente discriminatória e profundamente segregacionista, baseado nas definições de racismo verificados na introdução deste trabalho. O sujeito do desenvolvimento é um sujeito produtor. Qualifica-se positivamente aquele que produz. Nesta lógica, o sujeito improdutivo, não inserido no contexto da ação produtiva, por qualquer razão, será também um sujeito-posto-às-margens da sociedade atual. Recupera-se aqui, a tendência às desvantagens que certos indivíduos têm por causa de sua origem étnico-racial, sobre a qual Almeida considerou em sua definição.

Inevitavelmente, pode-se concluir que a sociedade do desempenho haniana é uma sociedade excludente. Exclui aqueles que nela não se encaixam. Os quais, outrora, eram excluídos do capital e meios de produção, são hodiernamente excluídos do próprio “assenhramento-de-si-mesmos”, porquanto não têm acesso aos meios de empreender, a um tipo qualquer de “capital-inicial” – econômico, cultural ou mesmo simbólico. O sujeito incapaz de produzir, também é incapaz de consumir. Este, portanto, se torna supérfluo à sociedade do desempenho haniana. E nesse contexto está entregue a todo tipo de discriminação e cerceamento de direitos por causa do caráter altamente excludente dessa nova dinâmica social.

O PODER: UMA AÇÃO

Toda e qualquer sociedade humana é regulada pelo exercício do poder. Em uma mudança de época, o que muda em relação ao poder é tão-somente o modo como ele é exercido. Para Byung-Chul Han, o poder na sociedade do desempenho, bem como o seu modo de ser exercido, supera o modo da sociedade disciplinar do biopoder. A nova sociedade contemporânea é caracterizada por um tipo de

²⁰ FOUCAULT, 2005, p. 304-305.

dominação bem mais intensa e bem menos invasiva e que, ao mesmo tempo, dê conta do controle do sujeito de produção até mesmo do seu modo de pensar²¹. Assim, uma forma mais refinada de poder tem sido exercida na sociedade do desempenho, algo que Han tem denominado de psicopolítica,

que avança da vigilância passiva ao controle ativo, empurrando-nos, assim, para uma nova crise da liberdade: até a vontade própria é atingida. Os big data são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite alcançar um conhecimento abrangente sobre as dinâmicas da comunicação social. Trata-se de um conhecimento de dominação que permite intervir na psique e que pode influenciá-la em um nível pré-reflexivo²².

Para Han, apropriando-se de Deleuze, assim como o regime da sociedade disciplinar se organizava como “corpo” e, por conseguinte, sendo um regime biopolítico, a sociedade do desempenho, que se organiza como “alma”, como psychē, o modo de poder, nela exercido, é a psicopolítica²³. A psicopolítica é, portanto, o modo de exercício do poder mediado, não pelo corpo, mas pela conformação da mente do sujeito do desenvolvimento, como demonstrou Han:

O poder pode se expressar como violência ou repressão, mas não se baseia nisso. [...] Hoje, o poder assume cada vez mais uma forma permissiva. Em sua permissividade, ou melhor, em sua afabilidade, o poder põe de lado sua negatividade e se passa por liberdade²⁴.

A sociedade do desempenho é muito polida e o exercício do poder não poderia ser diferente. Rompe-se com o poder soberano e disciplinar e em seu lugar aparece uma forma de exercício do poder, que se dá por meio da afabilidade – ou amabilidade – que é um conceito importante no pensamento de Byung-Chul Han. Trata-se de uma tradução do termo alemão *Freundlichkeit* que seria um modelo de disposição ética do ser-aí em relação a outro ser-aí e mesmo a outros modos de ser categorizadas por Martin Heidegger, como ser-para-a-morte²⁵. Em se tratando da

²¹ HAN, Byung-Chul. *In the Swarm: Digital Prospects*. Cambridge: MIT Press, 2017. p. 77.

²² HAN, 2018, p. 23.

²³ HAN, 2018, p. 30.

²⁴ HAN, 2018, p. 25-26.

²⁵ Minha pesquisa aborda justamente como Han relaciona a “amabilidade” e o ser-para-a-morte como uma dimensão ético-existencial, que o distancia do pensamento tanto de Heidegger como o de Lévinas, criando sua própria perspectiva, embora posteriormente, Han abandone essas formulações para direcionar os seus esforços para sua analítica cultural, que é uma segunda fase do seu labor filosófico, por assim dizer.

psicopolítica haniana, a afabilidade é a disposição, polida e educadamente, de assumir o controle e exercer o poder sobre os sujeitos pela impressão em suas “almas” de exagerada positividade motivacional.

O poder psicopolítico é positivo, jamais negativo-repressivo, e, portanto, muito mais efetivo aos objetivos de dominação e produção neoliberal²⁶, tornando evidente o que Han concluiu noutro lugar, quando afirmou:

O sistema dominante neoliberal está estruturado de uma maneira completamente diferente. O poder que o sustenta não é mais repressivo, mas sedutor, ou seja, fascinante. Não é tão visível quanto era no regime disciplinar. Não há mais um opositor concreto, um inimigo que oprime a liberdade e contra o qual seria possível fazer uma resistência²⁷.

A característica desse tipo de exercício de poder gera a percepção – falsa por sinal – que não apenas existe liberdade para todos, como também há a inclusão de todos. Ao contrário, em textos mais recentes de Han, há uma ideia da reação violenta contra o que não é igual. Obviamente, não se trata de uma violência no sentido disciplinar, mas de um modelo que cria a cisão social que,

inere à globalização uma violência que faz de tudo cambiável, comparável e, assim, igual. [...] A violência do global como violência do igual aniquila a negatividade do outro, do singular, do incomparável, que prejudica a circulação de informação, comunicação e capital. [...] A violência do global, que aplaina tudo no igual e erige um inferno do igual, produz uma contraforça destrutiva. Já Jean Baudrillard apontou para o fato de que a loucura da globalização produz terroristas como insanos. [...] A violência do global, que aplaina tudo no igual e erige um inferno do igual, produz uma contraforça destrutiva. Já Jean Baudrillard apontou para o fato de que a loucura da globalização produz terroristas como insanos²⁸.

O poder psicopolítico, ainda que bem polido e transparente, não é capaz de, por um lado, criar seu contraponto, nem tampouco neutralizar todos os seus oponentes. Assim, aplicando ao contexto brasileiro, a lógica neoliberal, apresentada por Han, talvez não crie terroristas como na Europa, mas cria reações a sua demanda totalizante das vidas humanas que não se adequam aos seus padrões. Não obstante, as minorias excluídas desse sistema reagem e tem reagido. Não é desse estranhar

²⁶ HAN, 2021, p. 25.

²⁷ HAN, Byung-Chul. *Capitalismo e Impulso de Morte*. Petrópolis: Vozes, 2022a. p. 33.

²⁸ HAN, Byung-Chul. *A Expulsão do Outro*. Petrópolis: Vozes, 2022b. p. 23-24.

que nas Américas – do Norte, Central e do Sul – para onde grande fluxo de africanos escravizados foram levados – ou trazidos – representam esse grupo excluído e em luta contra o sistema racista contra eles imposto desde que os primeiros escravizados desembarcaram em nosso continente.

O psicopoder é e continuará sendo uma aplicação do poder na sociedade atual. Ele continuará criando levas de excluídos, que inadequados às imposições neuronais por produção e desempenho, serão lançados para fora, para as margens da sociedade do desempenho. Esse tipo de poder psíquico-controlador continuará exercendo algum tipo de violência, desta vez não mais sobre o corpo escravizado, mas na *psychē* humana entregue a subserviência. A psicopolítica continuará desenvolvendo critérios úteis em seu momento de efetivação, os quais têm e terão a função segregar os grupos existentes na sociedade do desempenho. Neste sentido e por causa disso, o racismo também terá sua continuidade de exercício no poder psicopolítico. Isso, está implícito na obra de Han. Entretanto, falta ainda a Han um olhar mais atento e objetivo quanto a esta questão.

O OUTRO: UM PERSONAGEM EXCLUÍDO

Observados a sociedade do desempenho e o modo como o poder é nela exercido, isto é, por meio da implementação de uma disposição psíquica orientada pela lógica de produção neoliberal, cria rupturas no tecido social e segrega aqueles que não se adequam ao modelo de trabalho e organização imposto; se faz necessário, então, perguntar pelo outro: *Que ou quem é o outro, o alter, na analítica cultural de Byung-Chul Han?*

Novamente, recorre-se ao conceito de sociedade do desempenho para elaborar essa resposta. Nela o outro é o aversivo e o intrusivo. O outro é a expressão do que é negativo, daquilo que machuca e fere. Diante disso, o outro deve desaparecer. Mas, não se trata de um desaparecimento pela morte ou coisa equivalente. O outro é destruído por torná-lo igual, essa é a lógica da *transparência*, uma dinâmica reinante na nova sociedade, como demonstrou Han:

A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e

acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho. Essa coação sistêmica transforma a sociedade da transparência em sociedade uniformizada. Nisso reside seu traço totalitário, em uma 'nova palavra para dizer uniformização: transparência'.²⁹

O outro é esvaziado de seus traços peculiares, despojado de seus sentimentos particulares e significados pessoais, enfim, de sua alteridade. O outro se torna um-igual-ao-eu (mim), o que permite que a comunicação e, ao mesmo tempo, impede a reação imunológica. Uniformiza-se, ao custo da eliminação do diverso, todos os egos. Entretanto, é importante perceber que Han não deixa de apontar para o totalitarismo dessa ação. O outro é coagido à transparência, ao tornar a si mesmo positivo e, por isso mesmo, possível ao ego ou à sociedade transparente do desempenho. Assim, Han demonstra que “a narcisificação da percepção leva o olhar, o outro, ao desaparecimento”³⁰.

O sujeito-narcisista do desempenho torna verdade os versos da canção: “*É que Narciso acha feio o que não é espelho*”. Por essa razão, um inferno do igual tem tomado conta da sociedade do desempenho e de seus sujeitos³¹. A negatividade dialética imposta pelo diferente, pelo outro em sua alteridade, tem sido exaurida da sociedade atual³².

As coisas se tornam transparentes quando eliminam de si toda e qualquer negatividade, quando se tornam rasas e planas, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. [...] O dinheiro, que iguala tudo com tudo, desfaz qualquer incomensurabilidade, qualquer singularidade das coisas. Portanto, a sociedade da transparência é um abismo infernal (Hölle) do igual³³.

Por transparente, Han está simplesmente se referindo àquilo que não causa estranheza, porque é totalmente visível e verificável. Não apenas isso, mas também é tão padronizado que liberta o sujeito de toda e qualquer angústia. Entretanto, a transparência haniana diz respeito as relações sociais, nas quais a transparência se faz verificada na uniformização dos sujeitos, como descreveu Han:

²⁹ HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 11.

³⁰ HAN, 2017, p. 24.

³¹ HAN, 2020, p. 10.

³² HAN, 2020, p. 9.

³³ HAN, 2020, p. 9-10.

[A transparência] é uma coação sistêmica que abarca todos os processos sociais, submetendo-os a uma modificação profunda. Hoje, o sistema social submete todos os seus processos a uma coação por transparência, para operacionalizar e acelerar esses processos. A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho. Essa coação sistêmica transforma a sociedade da transparência em sociedade uniformizada³⁴.

Talvez, por algum momento, seja possível pensar a igualdade que a sociedade do desempenho propõe como uma categoria aceitável. No entanto, a igualdade neoliberal é massificante, escravizadora e discriminatória. Dela são expulsos os outros que não são assimilados por não se adequarem a dinâmica da nova ordem. Novamente, a lógica da economia de mercado do capitalismo produz inevitavelmente a exclusão e a segregação. Mas quem são esses excluídos? Quem são aqueles deixados de fora? Responde Han:

Quem, em contrapartida, nem ao menos tem dinheiro, não tem nada, nem identidade, nem segurança. Assim, ele se entrega, forçado pela necessidade, ao imaginário, por exemplo ao populista, que rapidamente fornece uma identidade. Nisso, ele cria para si um inimigo, por exemplo, o Islã. Por meio de canais imaginários são erigidas, então, imunidades, a fim de chegar a uma identidade que confira sentido. O medo por si mesmo faz despertar inconscientemente um anseio pelo inimigo. O inimigo é, também em forma imaginária, um fornecedor mais rápido de identidade³⁵.

Esse outro, de tão outro que é, não cabe dentro das estruturas da sociedade do desempenho ocidental. A inadequação às estruturas e aos modos de vida e produção retira desses outros o acesso a própria identidade, porque não tem valor econômico algum. Para Han, o lugar desses “párias” – econômicos, digitais, produtivos – é o lugar do inimigo, o outro visto em sua negatividade não-transparente, mas também, em qualquer que seja a sua contracultura de reação. A lógica neoliberal é, assim, tanto lógica da exclusão como a lógica do conflito.

Trata-se de um conflito do criador contra a criatura. A sociedade que exclui terá que lutar contra os seus excluídos. Ao dizer que, “o medo por si mesmo faz

³⁴ HAN, 2020, p. 11.

³⁵ HAN, 2022b, p. 27-28.

despertar inconscientemente um anseio pelo inimigo”³⁶, Han denuncia a obstinação da sociedade do desempenho por sua própria segurança. “O inimigo é, também em forma imaginária, um fornecedor mais rápido de identidade”³⁷.

Assim, os refugiados e imigrantes, simbólicos do “outro-não-querido-por-perto”, mas também todos aqueles grupos étnico-raciais – negros, judeus, ciganos – que o racismo torna em excluídos, perfazem esse grupo que, por esvaziados de quaisquer valores monetário ou econômico, aparecem como inimigos do sujeito do desempenho e, conseqüentemente, da sua sociedade. Conseqüentemente, ainda que a sociedade do desempenho tenha perdido o caráter imunológico, Han parece considerar a existência de algum tipo de reação imunológica ao outro-mais-outro; àquele sujeito que de alguma maneira não está inserido na lógica mercadológico-capitalista neoliberal da sociedade atual. Afinal, “dentro desta ordem global que é hoje hegemônica e que totaliza o idêntico, na realidade existem somente mais idênticos ou outros que são idênticos”³⁸. Se somente existem essas classes de sujeitos, aqueles que porventura não se encaixam estão fora dessa comunidade.

Esse princípio de exclusão e produtor de racismo encontra corroboração em Silvio Almeida. Dialogando com Oliver Cox, Almeida, afirmou que

o racismo é derivado das relações econômicas capitalistas e compõe um aspecto essencial da luta de classes. De orientação marxista, Cox considera que o antagonismo racial é um fenômeno surgido na modernidade, não verificado em sociedades pré-modernas. Segundo o estudioso, a exploração e o preconceito racial desenvolveram-se entre europeus com o surgimento do capitalismo e do nacionalismo³⁹.

O antagonismo racial de Almeida e de Cox aparece como medo do futuro numa sociedade capitalista neoliberal, segundo Han, para quem “o medo do próprio futuro se inverte, aqui, em uma hostilidade a estrangeiros. O medo se manifesta não apenas como ódio a estrangeiros, mas também como ódio a si. A sociedade do medo e sociedade do ódio se condicionam reciprocamente”⁴⁰.

³⁶ HAN, 2022b, p. 28.

³⁷ HAN, 2022b, p. 28.

³⁸ HAN, 2022b, p. 26.

³⁹ ALMEIDA, 2019, p. 127.

⁴⁰ HAN, 2022b, p. 26-27.

Falta à relação eu-outro a amabilidade, que “não consiste na proximidade e identidade digestivas, ao contrário, [consiste numa] proximidade da distância”⁴¹. Uma proximidade que acolhe e reconhece o outro, ainda que preservando as diferenças. De alguma forma, o racismo não é apenas o segregar de indivíduos e seus grupos de pertença. Não reconhecer esses indivíduos, seus grupos e suas próprias identidades, bem como o exercício de uma massificação é um modo de exclusão violenta, é uma maneira de manifestação do racismo tanto contra indivíduo como contra os seus grupos, cuja exclusão ocorre a revelia da vontade e desejo desses. O outro-excluído na sociedade do desenvolvimento e da transparência é o sinal haniano da permanência e agravamento do racismo na pós-modernidade.

O RACISMO: UMA QUESTÃO ESTRUTURAL PERMANENTE E AGRAVADA

Chega-se, então, ao último momento deste trabalho. Até aqui, Byung-Chul Han, como já se sabia, não abordou de maneira direta e objetiva o tema racismo e seus desdobramentos. E por certo, quando ou se ele abordar esse tema, é bem provável que não tenha como foco o racismo contra a população negra descendentes de escravizados, como talvez poderiam esperar os seus leitores brasileiros, uma vez que no seu espaço contextual de articulação – a Alemanha – existem outras formas de racismo com maior impacto, como é o caso dos imigrantes e refugiados do norte africano ou do oriente médio.

É preciso, contudo, deixar bem evidenciado que o próprio Han entende que ele próprio, como imigrante, é uma vítima em potencial de algum tipo de injúria racial, porquanto, diz ele, “se um alemão me dissesse ‘seu asiático!’ soaria quase um insulto ou até mesmo racista”⁴². Ele reconhece que ter galgado algum espaço e audiência públicos não o exime de qualquer reação dos nativos germânicos. Ele não estaria imune a qualquer tipo de reação violenta e agressiva. O outro, que não pode ser autorreferenciado no eu por meio da libertação de toda negatividade, continuará como inimigo⁴³.

⁴¹ HAN, Byung-Chul. *Hegel e o Poder: Um ensaio sobre a amabilidade*. Petrópolis: Vozes, 2022c. p. 92.

⁴² HAN, 2022a, p. 122.

⁴³ HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 96.

Neste caso, o negativo é aquilo que me agride enquanto sujeito. O discurso implícito em “seu asiático”, algo verificável nas características físicas, não é outro senão o da desumanização, uma tônica muito como no racismo⁴⁴. Os estereótipos parecem tender ao reforço negativo de desvantagens de alguma espécie. Determina-se, portanto, que há uma distinção entre superiores e inferiores entre os seres humanos, seja de qual natureza for essa distinção, cria-se uma segregação racista e excludente do outro. Essas pseudo-desvantagens tornam-se os elementos legitimadores de reações violentas contra pessoas e grupos diferentes.

O fato é que o racismo não está eliminado no modo afável do poder exercido na sociedade do desempenho. Pelo contrário, o paradigma do desempenho se serve das estruturas racistas da modernidade para sua manutenção e continuidade, bem como o agrava, por causa da lógica ampliada do capitalismo e do trabalho, como escreveu Han:

No capitalismo, o trabalhador é explorado, e essa exploração estrangeira atinge seu limite em um determinado nível de produção. A autoexploração a que nos submetemos de maneira voluntária é completamente diferente. A autoexploração é ilimitada! Nós nos exploramos voluntariamente até o colapso. Se eu fracasso, faço de mim mesmo o responsável por isso. Se eu sofro ao falir, então eu mesmo sou o culpado. A autoexploração é uma exploração sem dominação, pois ela acontece de modo totalmente voluntário. E é porque _ca sob o signo da liberdade que ela é tão efetiva. Nunca se forma um coletivo, um ‘nós’, que pudesse se rebelar contra o sistema⁴⁵.

Com toda a desfaçatez que lhe é própria, a sociedade do desempenho impõe sobre todos os sujeitos que estão inseridos nela à responsabilidade por si mesmos, como se isto fosse algo mais libertador possível. Porém, o resultado disso, como demonstrado por Han, é que o fracasso de alguém é responsabilidade apenas desse alguém. Os “fracassados excluídos” só o são, por sua própria culpa e incapacidade. Desconsidera-se tudo o que conduziu este ou aquele sujeito a esse determinado ponto, como se de maneira equânime, todos os sujeitos do desenvolvimento estivessem numa condição justa. A grande questão que precisa ser verificada é a seguinte: Quem são os sujeitos que formam o contingente de excluídos da sociedade do desempenho?

⁴⁴ ALMEIDA, 2019, p. 23.

⁴⁵ HAN, 2022a, p. 149.

Se no contexto de Han, esses excluídos são os imigrantes e refugiados, no contexto brasileiro, indiscutivelmente, o primeiro grupo que forma esse contingente de excluídos são os negros. Novamente, Silvio Almeida é um interessante interlocutor para demonstrar isso:

Assim, a soma do racismo histórico e da meritocracia permite que a desigualdade racial vivenciada na forma de pobreza, desemprego e privação material seja entendida como falta de mérito dos indivíduos. A meritocracia se manifesta por meio de mecanismos institucionais, como os processos seletivos das universidades e os concursos públicos. Uma vez que a desigualdade educacional está relacionada com a desigualdade racial, mesmo nos sistemas de ensino públicos e universalizados [...]. Completam o conjunto de mecanismos institucionais meritocráticos os meios de comunicação – com a difusão de padrões culturais e estéticos ligados a grupos racialmente dominantes – e o sistema carcerário, cujo pretenso objetivo de contenção da criminalidade é, na verdade, controle da pobreza e, mais especificamente, controle racial da pobreza⁴⁶.

Do que Almeida expõe acima, existem algumas aproximações possíveis com o abordado em Han, que demonstra que o racismo, como desigualdade racial, tem permanecido na sociedade do desempenho, uma vez que o sujeito do desempenho é também um sujeito meritocrático, a desigualdade racial gera a falta de mérito dos indivíduos; como sujeito midiático, os meios de comunicação têm agido como perpetuadores da desigualdade, sejam apresentando os padrões dos dominantes e ainda a manutenção do status quo dos dominados⁴⁷. Consequentemente, a exclusão dessa massa não agregada ainda se configura numa séria problemática que ainda parece estar fora do radar de Han.

Logo, a assepsia da sociedade do desempenho ainda não a livrou da desigualdade racial e do racismo. Pelo contrário, as lógicas dominantes dessa sociedade têm agravado esse problema, criando formas de violência, segregação e exclusão. O neoliberalismo não parece ser agregador nem tampouco criador de uma

⁴⁶ ALMEIDA, 2019, p. 66.

⁴⁷ Particularmente entendo, a glamourização da pobreza não é uma atitude da classe trabalhadora, mas uma ideia que surge de das classes dominantes para perpetuação da condição. Os estudos de João Baptista Borges Pereira, nos anos de 1960, apontavam para a educação e o trabalho artístico como meios de ascensão social e fuga da pobreza. É estranho pensar que glamourizar ou tornar a pobreza um item de consumo possa ser, de alguma forma, um meio de superação das desigualdades de qualquer natureza.

inclusão. Portanto, a sociedade dele dependente e referente também será uma sociedade da exclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se neste trabalho, ainda de maneira bem introdutória, fazer alguns apontamentos iniciais demonstrando o racismo não apenas permanece como base da sociedade contemporânea, denominada por Byung-Chul Han, de a sociedade do desempenho, como também o racismo é agravado por meio das novas dinâmicas de poder – o Psicopolítico –, as transformações das relações sociais – a uniformização, a exclusão do outro, entre outras dinâmicas. Novamente, é preciso esclarecer que Han não trata diretamente do tema racismo. Porém, a crítica que Han oferece da sociedade contemporânea, disponibiliza subsídios à interpretação do tema, tarefa que se buscou realizar nestas poucas páginas.

O diagnóstico está feito. Porém, não há espaço para propostas aqui. Todavia, há que se considerar que Han, ao menos, tem apontado para pontos que precisam ser observados com cautela. A sociedade do desempenho é uma sociedade prestes a colapsar. Ela não dá conta de resolver seus problemas herdados das sociedades anteriores. A igualdade intentada não é uma igualdade que resolve os conflitos sociais de maneira real, mas apenas amplia as rupturas já existentes. E infelizmente o racismo é um sinal de que algo vai mal na sociedade contemporânea. E sua permanência e agravamento, portanto, exigem uma reação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. [Edição Kindle].

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. *In: Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

FOUCAULT, Michel. *A Sociedade Punitiva*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HAN, Byung-Chul. *A Expulsão do Outro*. Petrópolis: Vozes, 2022b.

HAN, Byung-Chul. *Capitalismo e Impulso de Morte*. Petrópolis: Vozes, 2022a.

HAN, Byung-Chul. *Hegel e o Poder: Um ensaio sobre a amabilidade*. Petrópolis: Vozes, 2022c.

HAN, Byung-Chul. *In the Swarm: Digital Prospects*. Cambridge: MIT Press, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*. Belo Horizonte: Âyine, 2018.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2020.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis: Vozes, 2019.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade, seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

WILLEMS, Emilio. *Dicionário de Sociologia*. Porto Alegre: Globo, 1950.